

CONTROLO DE QUALIDADE

Ricardo Tiago Moura

Ricardo Tiago Moura publicou os livros *Um gato para dois* (Hariemuj, 2013), *Epístolas a D.* (não edições, 2013), *Espaço aéreo* (Arqueria, 2014 - Brasil) e *pequena indústria* (Tea for One, 2016), além de poemas dispersos em revistas e antologias. Dedicou-se também à colagem. Vive em Køge, Dinamarca.

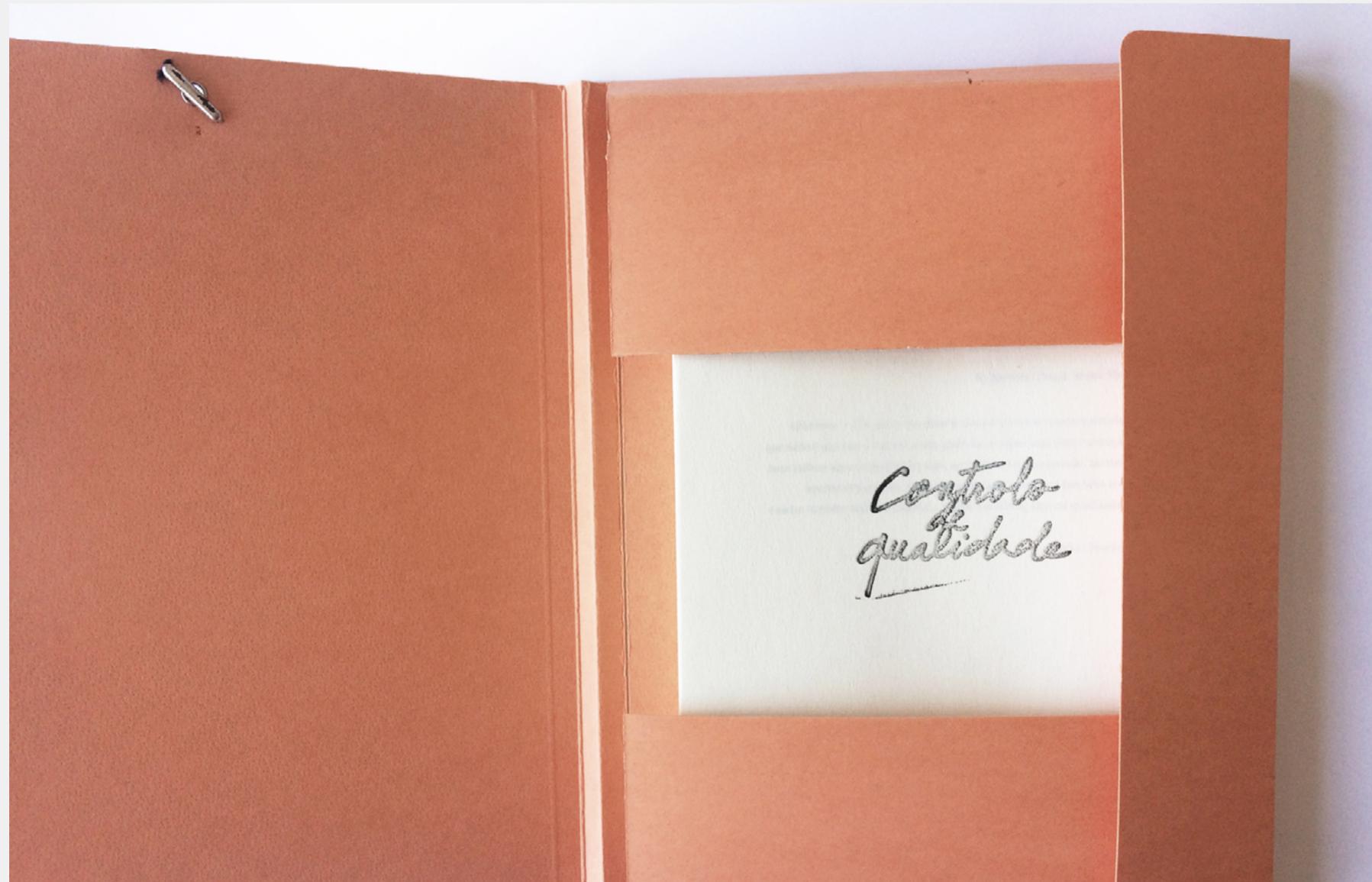
E-mail: ricardotiagom@gmail.com

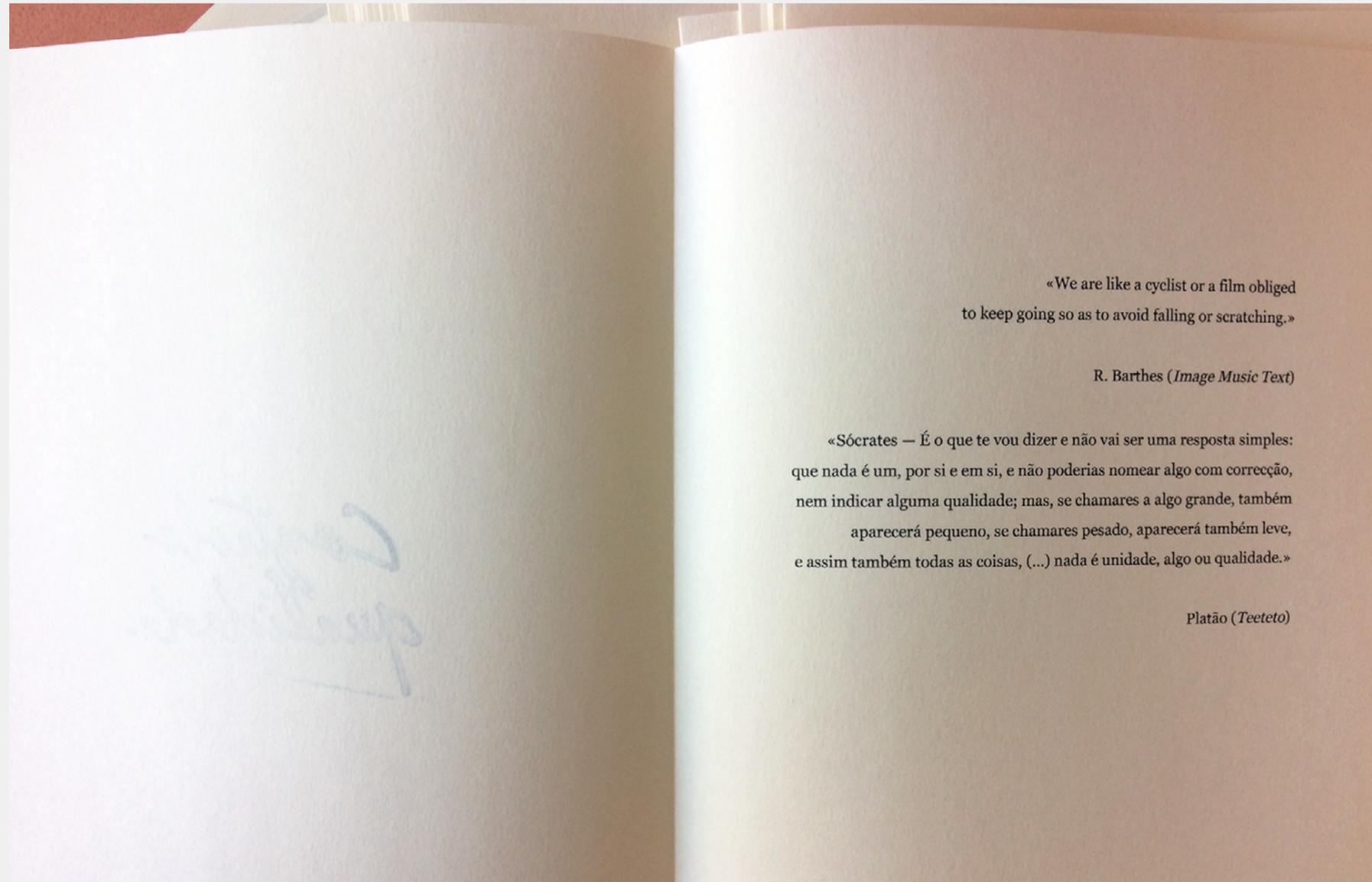
*

"[...] A forma de Controlo de qualidade não passa despercebida e conduz à revisão das práticas e dos gestos mais banais do leitor. Este volume (capa que envolve um conjunto de folhas presas por um elástico) obriga-nos, pois, a reflectir no acto de leitura não apenas enquanto faculdade mental mas como sendo igualmente uma actividade física, corporal. Sacrificando o lado mais prático da página presa/colada, Controlo de qualidade radicaliza ainda aquilo que já é a proposta de qualquer livro. Torna evidente a liberdade na experimentação oferecida pelo volume: lendo-o ao calhas, deixando páginas de lado (neste caso, soltas em cima da mesa, da cómoda, no chão), misturando-as propositada ou despropositadamente."

Elisabete Marques







«We are like a cyclist or a film obliged
to keep going so as to avoid falling or scratching.»

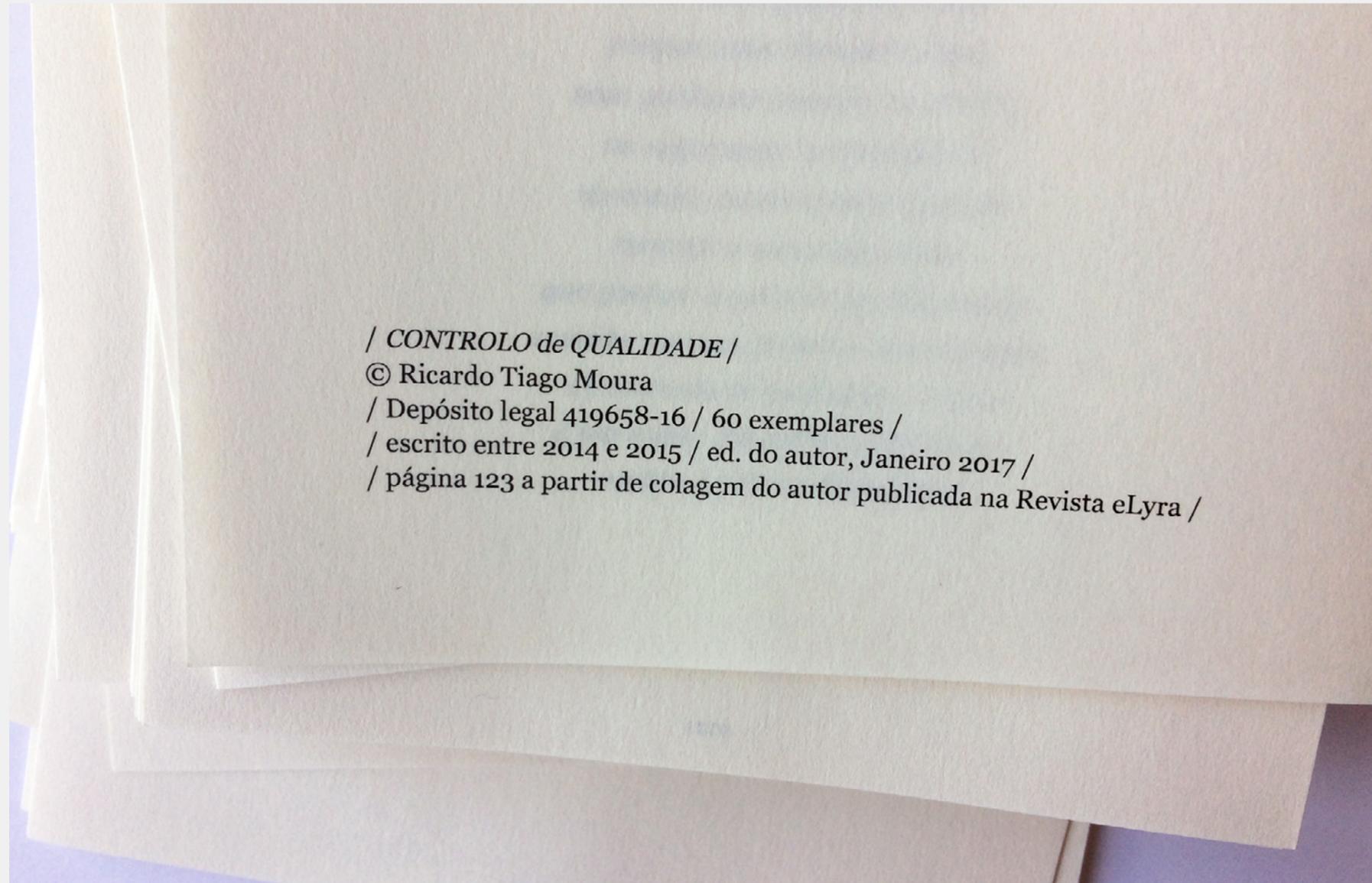
R. Barthes (*Image Music Text*)

«Sócrates — É o que te vou dizer e não vai ser uma resposta simples:
que nada é um, por si e em si, e não poderias nomear algo com correcção,
nem indicar alguma qualidade; mas, se chamares a algo grande, também
aparecerá pequeno, se chamares pesado, aparecerá também leve,
e assim também todas as coisas, (...) nada é unidade, algo ou qualidade.»

Platão (*Teeteto*)

A qualidade das palavras é a de não serem candeeiros.

Ricardo é quando a palavra começa e Ricardo acorda quando acorda a palavra: abraçados concordam. Ricardo só começa quando o dia e o texto começam: quando a palavra diz coisas e se acende forte: fonte primária de calor.



DEPOIMENTO

ao Ricardo (que não eu)!

A qualidade de uma coisa é sempre dupla, no mínimo. E a qualidade dos dias é a de se repetirem, vezes sucessivas. Os meus dias, entre 2014 e 2015, conduziram a uma vontade dupla: uma vontade de conversa: uma vontade de silêncio. Dias de estar sozinho e manter rotinas previsíveis. Dias de perder o lugar e ganhar amor aos aviões: o motor do som: o nome. Dias sucessivos como são os dias de todos nós que começamos (todos os dias) actividades: tarefas: leituras: encontros: discursos. E se o discurso propuser uma verdade e uma forma, a dos próprios dias? Foi a pergunta que fiz antes de haver escrita: a mesma em cada página de *Controlo de qualidade*. Cada página só poderia ser dupla: diálogo.

A qualidade de um livro é a de ser lento. E foi lento o processo de escrita dos meus-nossos-vossos dias. Não seria um livro: nem um diário: nem um monólogo. Eco e espelho dos dias de Ricardo, mudando. A *Qualidade* pesa rigorosamente cada palavra. Ricardo pesando cada dia e cada página. Conversas ao telefone: a distância faz parte dos dias. Nuvens e cortes de energia fazem os dias feios. Trabalho e obrigações tornam os dias cheios. Demasiadas páginas. Falta ar nos livros: páginas vazias seriam precisas. Intervalos. A forma não é senão um reverso dos dias: do texto: lentos. Tudo verdade como nos dias, começando e terminando. A qualidade

de um livro que fosse cíclico e próximo: compreensível e incompreensível: uma presença efectiva.

A qualidade de um texto é a de ser matéria plástica: múltipla, no mínimo. Experimentar o texto como se experimenta nos dias: errar, não errar, repetir, eliminar, aceitar, escolher, controlar, não controlar. Materializar a vontade de conversa e de silêncio no texto: visualizar o texto: riscar o texto: procurar um texto que se perde sempre que pensamos ter chegado lá. Materializar o texto naqueles (nestes) dias rápidos e eficazes: a exterioridade da pele dos ecrãs: cansaços vários: contrários. Materializar contra a matéria: procurar um corpo para os dias todos: multiplicar. Materializar o temporário: dias que cabem numa caixa.